

EDITORIAL

POESIA EM PERFORMANCES URBANAS

O discurso poético é, em essência, performativo, uma vez que institui um ato de fala em que a linguagem *per se* – e não sua função comunicativa pragmática – ocupa o primeiro plano. Como explica Jonathan Culler, a poesia é performativa porque cria e organiza pela linguagem um mundo, “em lugar de simplesmente representar o que existe”¹. Mas, para além desse sentido genérico de performatividade, uma vigorosa vertente da poesia contemporânea tem sido pensada, apresentada e fruída como *evento performativo*, nos quais o texto verbal se materializa por meio da expressividade vocal, gestual e corporal do artista-poeta, e é comunicado ao vivo a um grupo de espectadores.

Confluindo com tendências contemporâneas da arte dramática, *happenings*, *pixo* e instalações artísticas, eventos ao vivo de poesia como *saraus* e *slams* têm ocupado espaços diversos de grandes e pequenas cidades, transformando a expressão literária em experiência sincrônica coletiva, mediada pela oralidade e escuta. Nesse movimento, tais eventos revolucionam o próprio conceito de literatura e desconstróem noções e valores que se formaram em torno da primazia de longa duração da cultura impressa, da produção literária como atividade solitária e da leitura como prática individual e silenciosa. Além disso, podem, de forma programada ou não, cumprir outras diversas funções, desde a ressignificação e revitalização de lugares públicos, até a descentralização e democratização do acesso à produção e recepção de bens simbólicos.

De fato, ao franquearem a participação a qualquer pessoa interessada, *saraus* e *slams* driblam barreiras econômicas, sociais, raciais, culturais e geográficas que restringem o alcance que a literatura pode ter

¹ CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999. p. 101.

em um país como o Brasil. Conseqüentemente, ampliam os canais de recepção de literatura e promovem a emergência de vozes autorais mais diversificadas. Muitos desses eventos poéticos, como se sabe, ocorrem em áreas periféricas ou marginalizadas, sendo organizados e frequentados prioritariamente pelos membros de comunidades menos privilegiadas ou gravemente desassistidas. Entende-se, assim, por que *saraus* e *slams* se constituíram como importantes canais de reflexão política e de afirmação de identidades periféricas ou marginais. Os textos/performances aí apresentados elaboram e compartilham potentes discursos contra-hegemônicos, de defesa de direitos e de denúncia de abusos e injustiças. Promovem tanto o lazer quanto processos de subjetivação, socialização e ativismo político e cultural. Nesse sentido, os eventos de poesia nas áreas marginalizadas oferecem uma marginalidade “pela qual se opta como espaço de resistência”, como sugere bell hooks: “[e]ssa marginalidade oferece a uma pessoa a possibilidade de ter uma perspectiva radical a partir da qual possa ver e criar, imaginar alternativas, criar novos mundos”². A partir de vários tipos de margens – econômicas, raciais, de gênero – *saraus* e *slams* ajudam a desconstruir estigmas e revitalizam a lírica através da performance, da comunicação direta com o público, do restabelecimento do vínculo comunitário e da catarse através da palavra poética.

Para investigar os caminhos, possibilidades e impactos da disseminação de eventos poéticos ao vivo pelas cidades brasileiras, este número da *Texto Poético* apresenta o dossiê *Poesia em performances urbanas*.

O dossiê é aberto com o artigo “Slam Surdo: análise das dimensões políticas e poéticas na performance ‘O mudinho’, de Edinho Santos”, escrito por Wanderlina Maria de Sousa Araújo, Fábio Vieira de Souza Júnior e Vinicius Carvalho Pereira. Abarcando uma dimensão praticamente inexplorada no debate acadêmico sobre o *slam poetry*, o texto formula uma análise crítica da performance em Libras “O mudinho”, apresentada por Edinho Santos no SLAM SP, contando também com a interpretação simultânea para o português feita por James Bantu. A investigação

² HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 289

mostra-se atenta aos elementos verbais e não verbais que singularizam a performance em Libras, uma língua gestual-visual, bem como às questões de representatividade, afirmação identitária e crítica social presentes na obra de Edinho Santos.

Na sequência, contamos com o artigo “Sarau da gruta: arte como espaço de criação, fruição e sociabilidade”, de Débora Duarte dos Santos e Ricardo Flores Vidal. O trabalho faz um breve histórico deste importante coletivo cultural da cena paulista, demarcando suas estratégias de divulgação da poesia, especialmente a partir de performances nas quais o diálogo com o *hip hop*, as artes plásticas e a dança é explorado com grande vigor. Por fim, a relação visceral do coletivo com a urbe paulistana é explorada por meio da leitura dos poemas “VoraCidade” e “Augusta”, cuja interpretação crítica nos permite compreender o alto grau de experimentação das performances poéticas do Sarau da Gruta, como parte do contexto de uma cultura híbrida e contra-hegemônica, cuja identidade se funda através da articulação de culturas urbanas da contemporaneidade.

Em “Das vozes insurgentes no movimento *Poetry Slam* à reexistência do Slam das Minas: a estética da poesia da quebrada pelas manas, monas e monstras”, Patrícia Pereira da Silva e Paulo Eduardo Benites de Moraes propõe uma análise de dois poemas publicados no livro *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizado por Mel Duarte e que reúne poemas de *slammers*, sobretudo apresentados anteriormente nos Slams das Minas. Os poemas escolhidos para uma leitura atenta são “Garganta”, de Roberta Estrela D’Alva, e “Aquele que não te pertence”, de Bell Puã, ambos analisados sob a luz das reflexões sobre subjetividade lírica e representação social elaboradas por Jacques Rancière e Roberto Zular.

O dossiê é finalizado com o artigo “Reflexões sobre a poesia slam: *a coisa tá preta*, de Felipe Marinho”, de Aline Camara Zampieri e Mariely Zambianco Soares Sousa. O texto faz um balanço crítico da introdução da poesia *slam* no Brasil, refletindo sobre a relevância da temática étnico-racial, o racismo, a negritude e o empoderamento negro nessa produção.

O poema de Felipe Marinho, que ocupa o centro da análise, evidencia a vocação anticanônica e socialmente questionadora dessas poéticas.

Na seção *Vária* contamos também com quatro trabalhos, abarcando distintos temas de interesse para o estudo da poesia.

Em “Ilustrado com texto: um estudo sobre Aniki Bóbó, de Aloisio Magalhães e João Cabral de Melo Neto”, Fábio José Santos de Oliveira desenvolve uma minuciosa discussão sobre *Aniki Bóbó*, um livro pouco conhecido de João Cabral de Melo Neto feito em parceria com o artista plástico e designer Aloisio Magalhães. A investigação de Oliveira esclarece diversos pontos da estrutura do livro, destacando o caráter lúdico por trás de sua composição, mas também os indícios que o integram à poética cabralina mais conhecida, especialmente por meio da construção da imagem artística e no diálogo com as artes plásticas.

Em “Escrever do corpo, o corpo da poesia: corporeidades poéticas em Maria Teresa Horta”, José Rosa dos Santos Júnior examina as corporeidades poéticas que se forjam no âmbito da poética de Maria Teresa Horta, com ênfase no livro *Palavras Secretas* (2007). Conhecida por sua escrita empenhada na construção de uma estética feminina e feminista, Maria Teresa Horta é abordada, no artigo, como uma poeta que atravessa as questões de gênero, tecendo uma rede conceitual e metafórica que repensa continuamente o corpo, o desejo e a violência contra a mulher.

Abordando também a lírica portuguesa mais recente temos o trabalho “Considerações sobre a poesia portuguesa contemporânea: leitura de quatro poetisas”, de Goiandira Ortiz de Camargo. No artigo, a autora apresenta algumas configurações da lírica portuguesa contemporânea, a partir da leitura de poemas de Manuel de Freitas, Ana Luísa Amaral, José Tolentino Mendonça e Maria do Rosário Pedreira. A análise recorre às noções de poesia “de mais” e poesia “de menos”, postuladas por Amaral (1991), para compreensão da lírica contemporânea. A essas duas categorias, a autora acrescenta uma terceira chave de leitura, que propõe como síntese das duas.

Encerrando o número, temos o artigo de Wesley Thales de Almeida Rocha, intitulado “Dentro da cidade nua e veloz: a criação poética em

meio às tensões do espaço urbano, na obra poética de Ferreira Gullar”. Ele aborda o fazer poético em meio às tensões da vida urbana como marca fundamental da obra lírica de Ferreira Gullar. Assim, defende que cidade, especialmente a rua, torna-se, nessa poesia, um espaço primordial da experiência poética e da política. Isso porque o sujeito lírico se depara com os signos do capitalismo a ameaçarem a sua subjetividade e a sua relação com o outro, marcando o poema com uma forte carga crítica, vincada junto à complexa teia social que caracteriza a polis moderna.

Acreditamos que a qualidade dos artigos reunidos neste número, aliada à diversidade de objetos e métodos de leitura, evidenciam um crescente interesse crítico por essa faceta da lírica contemporânea. Assim, os resultados de pesquisa aqui apresentados certamente estimulam um debate mais amplo e contribuirão com muitas investigações quem vêm sendo realizadas, na universidade e para além dela, sobre essa produção. Desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

Carlos Cortez-Minchillo³
Marcelo Ferraz⁴
(Organizadores de Dossiê)

³ Professor Associado no departamento de Espanhol e Português de Dartmouth College, New Hampshire, EUA. E-mail: minchillo@dartmouth.edu Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2970-1076>

⁴ Professor Adjunto do Departamento de Estudos Literários da Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: marcelo2867@ufg.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-4728-2976>